



e desigualdades. Orientados por uma visão imediatista (de entrega trimestral de resultados a acionistas), resistem em assumir no presente os custos da atividade empresarial para a natureza e a sociedade. E empurram a conta para as futuras gerações. Como diz Paul Polman, ex-CEO da Unilever e um porta-voz global do ESG, não faltam dinheiro nem tecnologia para gerar impacto positivo nos negócios. Falta liderança.

JC – Como pequenas e médias empresas podem começar a aplicar princípios ESG mesmo com recursos limitados?

Voltolini – Adotar ESG não depende de ter mais ou menos recursos. A extensão da responsabilidade de uma empresa é proporcional ao seu porte e aos seus impactos. Pequenas e médias empresas não são obrigadas a reportar práticas de ESG. Elas se aplicam preferencialmente às empresas de capital aberto. No entanto, a lógica de identificar os temas materiais e adotar práticas para eliminar,

minimizar ou compensar os impactos ambientais, sociais e de governança mais críticos contribui para reduzir riscos e tornar mais eficiente a gestão das pequenas e médias empresas. Recomendo sempre que comecem com ações de ecoeficiência, como gestão de água, energia e desperdícios, porque isso não só melhora o meio ambiente, mas também resulta em redução de custos. Outro aspecto da gestão do S do ESG diz respeito ao cuidado com os colaboradores. As pequenas e médias empresas, mais do que qualquer outro segmento, sabem quão importante é manter os colaboradores e boas relações com a comunidade. Por isso, ganham muito quando cuidam de suas pessoas assegurando salário digno, condições de desenvolvimento, saúde (inclusive a mental) e segurança (inclusive a psicológica) no trabalho. E se beneficiam, na forma de bom ambiente de negócios, quando investem na conservação de uma praça ou em doações para iniciativas sociais

do seu território.

JC – Em sua experiência com grandes corporações, quais práticas de sustentabilidade fazem diferença e podem servir de modelo a outras empresas?

Voltolini – Sempre funcionam melhor as práticas que decorrem de uma ligação muito clara com os temas materiais da empresa – impactos ambientais, sociais e de governança que, se não forem bem cuidados, podem gerar perdas financeiras para o negócio. Logo, as ações variam em grau de importância conforme o porte da empresa, o tipo de negócio e o seu estoque de passivos socioambientais. Na média, há um conjunto de práticas que devem ser observadas, com maior ou menor ênfase, em qualquer empresa. Na dimensão ambiental, a ecoeficiência (melhor uso de recursos como água e energia, mais circularidade, menos resíduos e desperdícios) e a descarbonização, para a redução das emissões de gases de efeitos estufa – grande desafio no



Pequenas e médias empresas sabem quão importante é manter os colaboradores e boas relações com a comunidade

século 21. Na dimensão social, destaco desenvolvimento integral dos colaboradores, salário digno, diversidade, equidade e inclusão, saúde mental, direitos humanos, investimento social nas comunidades e cadeia de valor responsável. E, na governança, o código de ética, as políticas de compliance, a estrutura de governança da sustentabilidade e o reporte das ações auditado por terceira parte.

JC – Qual o papel do

consumidor e da pressão social na consolidação de práticas ESG nas empresas brasileiras?

Voltolini – É muito importante, mas há uma expectativa muitas vezes exagerada em relação a ele. As regulações de mercado têm se mostrado instrumentos de pressão mais bem-sucedidos. Explico: há mais de duas décadas acompanho as pesquisas que mostram a evolução do comportamento de consumo consciente pelo brasileiro. Há uma curva ascendente, pelo menos no que se refere à intenção de premiar e punir empresas segundo o seu compromisso com a sustentabilidade, principalmente entre as novas gerações. Entre a intenção e a atitude concreta, porém, ainda parece haver um abismo, devido a um conjunto complexo de fatores – custo, cultura, incentivo material, falta de hábito, valorização efetiva do tema. As regulações de mercado que vieram com maior força neste período de ESG têm funcionado melhor como pressão.



Educação é transformação.

SinplastRS

O presente e futuro conversam quando escolhemos a ciência, e não as fake news. Informar, aprender e agir é o caminho para proteger o meio ambiente. E a indústria do plástico trabalha por isso...

**PELA VERDADE.
PELA SUSTENTABILIDADE.
PELA CIRCULARIDADE.**

Faça você também a sua parte! Dê o destino correto aos resíduos. Ao invés de proibir, eduque.

5 de junho - Dia Mundial do Meio Ambiente